

Era Nova

Propriedade da Empresa da «Era Nova»

Comp. e imp. na tip. de F. Marinho — Barcelos

Redacção e administração:
Campo de S. José, 91
ADMINISTRADOR,
Manoel da Silva MatosASSINATURAS:
Trimestre (correio) 536 — Semestre
572 — Ano 1344 — Avulso 503
ANUNCIOS:
Cada linha 503 — Repetição 502

Orgão do Partido Republicano Democrático

DIRECTOR E EDITOR — Antonio H. Marques d'Alzavedo

O paiz regressa á normalidade constitucional!

Terminada a gloriosa revolução de 14 de maio que depoz o governo da ditadura e investiu no poder o ministerio cuja composição demos no numero passado, o paiz continua no seu trabalho pacifico e fecundo, confiado em que a Republica é o regimen que ha-de leval-o ao futuro de desenvolvimento e prosperidade por que anseia.

Sob o influxo das acertadas providencias tomadas pelo novo governo, que se inspira no mais alto patriotismo, já desapareceram os efeitos da agitação dos primeiros dias para realçar ainda mais o gesto libertador que o exercito, a marinha e o povo revolucionarios tão galhardamente levaram a cabo.

A ditadura liquidou politicamente com uma obra de medidas sem valor e de odios sem grandeza e moralmento sob a ignominia desta ordem infamante enviada ao comandante do submarino «Espadarte» no estrebuchar da sua agonia:

«O portador é de toda a confiança. O campo entrincheirado tem ordem de fazer fogo sobre os navios revoltosos. Saia para oeste de Belem e onde lhe pareça conveniente aguarde a ocasião de afundar os navios que puder, até liquidação final. — José Joaquim Xavier de Brito, vice-almirante e ministro da marinha.»

Emfim, está salva a Republica! Viva a Republica!

Historia do movimento

Como se organizaram as forças revolucionarias

O movimento revolucionario foi, como já hontem dissemos, iniciado por todos os navios de guerra, em estreita e completa solidariedade com o quartel de marinheiros. O commando superior da ação no rio, a bordo do navio chefe, que é o «Vasco da Gama», foi assumido pelo illustre capitão de fragata sr. Leote do Rego. O commando do «Adamastor» foi entregue ao sr. Carvalho Jacques. No quartel de marinheiros comandava o sr. Freitas Ribeiro, auxiliado pelo major de artilharia sr. Sá Cardoso.

Além das forças de marinha, apenas se collocaram desde começo e com absoluto exito ao lado dos revoltosos as seguintes forças de terra: regimento completo de infantaria 2; 2.ª companhia da guarda republicana, do quartel da calçada dos Paulistas, e guarda fiscal.

Contava-se tambem, segundo nos consta, com o regimento de artilharia 1. Mas a junta revolucionaria, não tendo absoluta confiança na adesão total das forças, deliberara, á ultima hora, de acordo com os seus elementos seguros, que estes se limitassem a tirar as calatras das peças, de modo que o papel de artilharia 1 ficasse limitado a uma especie de neutralidade.

Porque traças apareceu, porém, na madrugada de hontem artilharia 1 ao lado do governo?

Não temos ainda, como é natural, elementos seguros para responder a esta pergunta. A versão corrente, no entanto, é esta. O governo, que possuía tambem os seus elementos seguros no regimento, resolveu, por volta das 22 horas, dar a artilharia 1 a impressão de que tinha o movimento sufocado. Para isso, ao passo que em todos os quartéis a prevenção era rigorosa, para aquele regimento foi dada ordem a essa hora de suspensão da prevenção. Em face d'esta ordem, todos os elementos afetos aos revoltosos se deitaram, intrigados.

Em seguida, com o maior segredo, uma força de cavalaria 4, auxiliada pelos elementos de artilharia fieis ao governo e que tinham continuado de prevenção, entrou no quartel e tratou de pôr cá fóra todas as peças.

Às 4.30, quando tocou a levantar, os soldados e sargentos, com grande espanto seu, encontraram-se sómente com as carabinas e munições. Não saíram, portanto, para a rua, mas aderiram logo á causa dos revolucionarios, estabelecendo vedetas, e confraternizaram com os civis que para ali tinham ido.

Assim, o movimento, ini-

ciado com toda a regularidade, não poudo cumprir-se desde começo em toda a extensão do programa, de que resultou passar se quasi toda a manhã de hontem sem ações de vulto. O movimento, até muito depois de romper do dia, limitou se ás manobras dos navios no Tejo, aos seus tiros e gritos das sirenes, a manifestações pela Republica e contra a ditadura, que eram correspondidas calorosamente pelos grupos de populares aglomerados á beira-rio e, especialmente, nas imediações do Arsenal da Marinha.

Sem embargo, a adesão total dos navios de guerra não se fizera sem derramamento de sangue, pois a bordo do «Vasco da Gama» fóra morto com um tiro na cabeça o seu commandante, o capitão de mar e guerra sr. Assis Camilo, e o commandante do «Almirante Reis», sr. Nunes da Silva, tivera de desembarcar no Arsenal com um braço esfacelado. Com o commandante do «Vasco da Gama», morreu tambem o fiel do paiol, o sargento Manuel Afonso Lopes.

Às primeiras horas da manhã já os revolucionarios sabiam, portanto, que tinham de haver-se com os regimentos de infantaria 1, 5 e 16, cavalaria 2 e 4, artilharia 1 e parte da guarda republicana. E assim se puzeram em luta as forças antagonistas.

Como se iniciou o movimento

O que se passou no mar — Os primeiros tiros — A victoria

O movimento revolucionario da marinha iniciou-se a bordo do «Vasco da Gama» com a entrada do capitão de fragata sr. Leote do Rego, ás 3 horas precisas.

Aquella hora a guarnição, que estava préviamente concertada com a junta revolucionaria, manifestou-se com vivas á Republica e á Constituição, o que fez aparecer o commandante do navio, sr. Assis Camilo, armado com duas pistolas, e outros officaes que tentaram baldadamente sufocar a revolta. O commandante n'essa ocasião caiu mortalmente ferido.

Imediatamente os marinheiros arrombaram a porta do paiol e apoderaram-se de todo o material de guerra ali existente, enquanto outra parte da guarnição fazia desembarcar rapidamente os feridos e um official, preso porque não quiz acompanhar o movimento.

Deu se mais tarde a adesão dos outros navios de guerra, tendo acompanhado o movimento todos os officaes e praças do «Adamastor» e «Almirante Reis», com exceção do commandante sr. Nunes da Silva, que ficou ferido, e de um tenente; e de todas as guarnições do «S. Gabriel», fragata «D. Fernando», «Espadarte», torpedeiros, vapores «Berrio» e «Lidador» e da Escola de Torpedos, isto logo a se-

guir aos tres tiros do sinal e de algumas determinações do commandante, sr. Leote do Rego.

Ao romper do dia, toda a divisão saudou a bandeira nacional com uma salva de 21 tiros, tendo, no «Vasco da Gama», o commandante em chefe da divisão, nosso amigo sr. Leote do Rego, feito uma allocução patriótica ás praças, demonstrando-lhes quanto a ditadura tinha sido perniciososa para a Republica, os crimes e violencias de toda a sorte que cometeu, congratulando se por ver que a adeseo da quasi totalidade dos officaes e marinheiros era a maior prova de respeito pelas instituições, e declarando lhes terminantemente, ao mesmo tempo, que o movimento não tinha o character partidario, mas exclusivamente nacional.

Depois, começou então o fogo. Os primeiros tiros foram de bordo do «Vasco da Gama» para os ministerios da guerra, interior e justiça, o primeiro dos quaes feito pelo bravo militar sr. Leote do Rego.

Expediram se em seguida os primeiros radiogramas por ordem do commandante da divisão revolucionaria para o chefe do governo, cumprindo n'tando o e intimando-o a demittir-se, pondo assim termo a sua nefasta ditadura. Ao mesmo tempo affirmava-lhe que se continuasse no p'sse do governo, dentro de poucas horas voltaria, mau grado se a ditar a lei com as granadas da divisão.

Outro radiograma foi expe-

dido para os corpos da guarnição, fazendo um apelo ao brio e espirito liberal de todos os officiaes, afim de, sem derramamento de sangue, secundarem o movimento de repulsa pela ditadura.

Começaram seguidamente evoluçõando os cruzadores, ao longo da margem direita do rio. Um d'elles, em frente do Museu de Artilharia, fez alguns tiros para ali e outros pontos da cidade onde se percebia tiroteio.

Pelas 10 horas, os navios iniciaram o fogo contra a artilharia que estava postada no alto de Santa Catarina.

O «Almirante Reis» foi atingido por quatro granadas, uma das quaes decepou a cabeça a um marinheiro e atravessando as outras o costado do navio. No «Vasco da Gama» uma granada conseguiu roçar-lhe. O «Douro», que até então não tinha tomado parte no combate, rompeu fogo certo contra aquela artilharia, obrigando-a a calar-se.

Tambem de perto da tapada da Ajuda, junto de uns moinhos, a artilharia fiel ao governo fez fogo contra os navios. Estes desceram o rio até um pouco para lá do quartel de marinheiros, respondendo primeiro o «S. Gabriel» e depois o «Almirante Reis», obrigando a artilharia inimiga a calar-se.

N'uma das evoluções do «Vasco da Gama», e de bordo d'este navio, foi vista passar pela Junqueira uma porção de cavalaria, que foi posta em debandada com algumas granadas. E estas evoluções dos navios fizeram-se durante todo o dia, mantendo-se, comtudo, sempre em comunicação com o Arsenal e quartel de marinheiros por meio da telegrafia sem fios e sinais de bandeiras.

Em virtude d'uma d'estas comunicações, e da parte do Arsenal, a bordo soube-se que se preparava o ataque a quele estabelecimento fabril, e que a situação era critica para os revolucionarios que ali se encontravam, comquanto estes tivessem mantido em respeito as forças atacantes, respondendo ao seu fogo das janelas e dos telhados do Arsenal e da Escola Naval. Imediatamente alguns barcos de guerra tomaram posição em frente do Terreiro de Paço, onde se tinham concentrado forças de artilharia, obrigando o inimigo a retirar-se.

Depois d'este ataque nada mais se passou, tendo-se, todavia, tomado todas as precauções.

Logo ao romper do dia de hontem os navios voltaram a evoluçõando, tendo-se feito alguns tiros para conter em respeito os ultimos defensores do governo Pimenta de Castro.

O fogo de bordo do «Vasco da Gama» foi feito com peças de 15 cen. O pessoal mereceu do comandante os maiores elogios, principalmente o 1.º cabo 1701, Manuel Martins Ferreira, chefe de peça, e os artilheiros 1885, Bernardiun Martins; 7:807, David José Teixeira; e 2:799, Alfredo Antonio Rodrigues, pela precisão dos seus tiros.

Ante-hontem de tarde, quando o «Adamastor» se aproximava da zona, foram-lhe feitos tres tiros de granada de 28 cen. por parte d'um dos

fortes do sul do campo entrincheirado.

O grande combate

6 duela da artilharia é formidavel — Nas ruas os revoltosos batem-se desesperadamente sempre victoriosos

De todos os lados continua o tiroteio da fuzilaria e tiros secos, isolados, de pistola.

Do rio, o «Vasco da Gama» dispara sobre os ministerios, pondo em fuga, espavoridos, os soldados de infantaria 5 e 16 que os guardavam. Na serra de Monsanto foram postar-se, regularmente espaçadas, peças de artilharia. Uma das suas granadas (porque elas tanto disparam para o rio como para terra) vae atingir uma casa da rua Particular, á rua Maria Pia, demolindo-a.

Em frente do Arsenal da Marinha, onde estava postada artilharia 1, travou-se, por equívoco, rijo tiroteio entre essa força e infantaria 16, que tomou a artilharia pelo inimigo.

Ma dentro do Arsenal as metralhadoras despejaram alguns tiros, nondo em debandada a artilharia pelas ruas da Prata, Madalena e Comercio, ficando muitos soldados e officiaes feridos.

Dissipado o primeiro momento de panico e verificado o engano, conseguiram os officiaes reunir os seus soldados e, tomando posição em frente do Arsenal, começaram a atacar os revoltosos com metralhadoras e vivo tiroteio. Responderam-lhes aquelles com tres canhões e tres metralhadoras que dispuzeram no telhado do edificio, dispostos a não se renderem, dizendo-se que, tendo vindo de bordo dois officiaes de marinha, com bandeira branca, parlamentar com os do exercito, não tinham chegado a um acôrdo, voltando para bordo e continuando o combate.

Os navios continuam a assentar as suas peças sobre o Terreiro do Paço, metendo inumeras granadas nos ministerios da guerra, da justiça e das finanças, onde os estragos são de importancia. Na Câmara Municipal estavam peças de artilharia e o edificio occupado pelas tropas. A força de marinha era comandada no Arsenal, ao que consta, pelo capitão de fragata Leote do Rego.

Ao meio dia e 30 minutos o «S. Gabriel» rompeu fogo violento contra a artilharia postada na Serra de Monsanto. Pouco depois largava da Rocha do Conde d'Obidos, onde estava postado, subindo o rio.

Vinte minutos depois vicia substituiu-o, na mesma faixa de bombardear a artilharia de Monsanto, o cruzador «Almirante Reis», que, como se sabe, possui artilharia de grande alcance. Fez, porem, apenas dois tiros, conservando-se algum tempo em observação e voltando a navegar ao acima. Mais tarde o «S. Gabriel», o «Adamastor» e o «Almirante Reis», descendo o rio, fizeram no mesmo sentido alguns tiros de canhão, que foram correspondidos, sem alcançarem aqueles navios.

Houve tres ataques das forças revolucionarias ao governo civil, que, cerca das 18 horas, ainda se conservava fiel ao governo, estando ali o chefe do districto e seus secretarios, todos os officiaes da policia, director e chefes de investigação, etc. Apenas não appareceram ali os dois medicos da corporação!

O primeiro grupo de mari-

nheiros e civis que appareceu a atacar o governo civil fê-lo ás 9 horas, ficando feridos o guarda 1:461, o corticeiro João Rocha e oito civis, sendo preso o marinheiro 3:489. No largo da Bibliotheca appareceu morto depois um individuo, cuja identidade se desconhece e que foi removido para a Morgue.

O segundo assalto deu-se ás 15 horas, quando infantaria 16 passava ao Chiado, sendo presos 14 populares e um marinheiro, alguns d'aqueles armados. Na rua do Ferregial de Baixo foram presos dois populares com pistolas de cavalaria da guarda republicana.

O ultimo assalto ao governo civil, pelas 17 horas, foi rijo e o tiroteio prolongou-se por bastante tempo. Os civis e os marinheiros entrincheiraram-se com a estatua de Camões e os predios das embocaduras do Bairro Alto e os policiaes e a guarda republicana nas esquinas das ruas Paiva de Andrade, Anchieta e Serpa Pinto.

Houve combates corpo a corpo muito violentos, atiraram-se bombas, o tiroteio espalhou-se pelas ruas proximas, não podendo fazer-se «A Capital», cujos escriptorios ficam situados na praça de Camões, esquina da rua do Norte. Essa a razão porque aquelle nosso colega se não publicou hontem. N'um terceiro andar da rua Vitor Gordon já uma granada tinha furado a parede da frontaria, causando grandes estragos no predio.

Combatia-se e corriam boatos diversos, quando, pelas 19 horas, a força da guarda republicana que estava no governo civil recebeu ordem do seu comandandante, general sr. Encarnação Ribeiro, para retirar para o seu quartel, pois que a guarda republicana não mais hostilizaria os revoltosos. Para esse fim dirigiu-se ao governo civil um official da guarda, conduzindo uma bandeira branca, que foi recebido com arrogancia pelo tenente Velho Sepulveda, que se encontrava dentro do edificio do governo civil em serviço especial.

O capitão sr. José Bernardo Ferreira, comandante da guarda ali destacada, antigo republicano, mandou formar a força do seu comando e marchou para o quartel das Paulistas, não agradando esta ordem ao tenente Sepulveda. A força foi acompanhada até aos Paulistas por muito povo que levantava vivas á Republica e abaixo os traidores.

A porta do quartel o capitão sr. Ferreira erguen diversos vivas, secundado por todos os seus soldados, que o levantaram em triumpho, estando a calçada cheia de gente em delirio, dando palmas e soltando vivas.

Tendo aderido aos revoltosos o governo civil e o quartel do Carmo, unicos pontos onde se conservava gente fiel ao governo, os civis e marinheiros que estavam na praça de Camões avançaram, já então sem serem hostilizados, e foram fazer grande manifestação de simpatia á Republica em frente do governo civil, em cujas janelas se ergueram tres bandeiras brancas.

Por toda a cidade, então, sabendo-se da victoria final dos revolucionarios, houve diversas manifestações de alegria, içando-se bandeiras nacionais em muitas janelas e correndo muitas pessoas a saber informações em varios pontos. No governo civil foram postos em liberdade os individuos que ali esta-

vam presos, em numero de 51, figurando n'esse numero o sr. Luiz Filipe da Mata, que fôra preso ao entrar para o Directorio com mais seis individuos.

A tomada do Museu de Artilharia

Eis como se effectuou a tomada do Museu de Artilharia, feito que os jornaes exaltam como um dos mais notaveis da acção popular.

A's 4 horas de sexta-feira, menos de uma hora, portanto, após os primeiros tiros dados de bordo, cavalaria e infantaria da guarda republicana e a policia da esquadra proxima surgem em evoluções á roda do edificio do Museu para o guardarem de possiveis investidas. A's 4 horas e meia varios populares, bem poucos ainda, mas suficientemente armados, apparecem tambem, uns do lado sul outros do lado norte. Dentro do edificio ha armazenada grande quantidade de armamento e munições; os civis necessitam de taes elementos de combate, custe o que custar; a sua posse é indispensavel.

Ao passo que o tempo desliza, a populaça revolucionaria cresce, subdividindo-se cautelosamente. As forças de ronda desconfiam dos populares e procuram afastal-os, fazendo correrias, apontando espingardas, voeliferando, respondendo os revoltosos umas vezes com tiros isolados, outras com vivas á Republica.

Pouco depois das 5 horas, como tentia engrósado extraordinariamente a turba, o commandante das forças da guarda republicana manda tocar a unia e as patrulhas vão formar junto á casa da guarda, encobertas pelas arvores. Os civis compreendem que o embate vai ter começo e que é necessario lutar. Procuram os melhores postos, entrincheiram-se como podem. A corneta resôa novamente: é, signal para avançar, não demorando minutos o de fogo e a primeira descarga.

Os revoltosos, indifferentes ás balas, que lhes passam rez-vez, algumas já derrubando este e aquelle companheiro, disparam successivamente sobre quem os ataca, ao mesmo tempo que, bravamente, se vão reunindo e aproximando, na mira de um ataque em massa, pois só um golpe de doida coragem lhes pode dar o triumpho.

Uma força da guarda fiscal, entrincheirada por detraz do lactario, ao fundo dos armazens da alfândega, espreita o momento de intervir, sem prejuizo para a defesa local do combate, contra quaesquer elementos oppostos que venham de Santa Clara ou da Baixa, e com todas as probabilidades de impedir o fuzilamento dos revoltosos.

Estes continuam fazendo frente ao inimigo, cujas descargas atrom e se succedem ininterruptamente. Os cavalios, a cada passo que avançam, sacodem na sela os cavalleiros, feridos, apedrejados ou contusos do estridor. Por terra vêem-se já soldados e policiaes. D'estes, muitos são, de começo, desarmados e postos fóra de combate.

A's 6 horas, o duelo toma proporções horribes. O numero dos revoltosos, augmentando sempre, encobre agora o do inimigo, cuja força e disciplina são inconfundivelmente superiores. Sem embargo, elle é cercado e cada vez lhe está mais proximo o elemento civil,

no qual ha já tambem bastantes baixas, que, porém, não desanimam, mas estimulam mais.

De parte a parte se despejam balas, sem descanso, e a cada uma d'ellas, o respectivo atirador ou exclama odio ou grita: «Viva a Republica!»

Ovem-se então os primeiros tiros da guarda fiscal, e elles de tal modo encorajam os revoltosos, que estes se atiram em cheio, tomando quasi as boccas das armas. Corpo a corpo se degladiam paisanos e militares, sendo a furia d'aquelles de tal ordem que, a pouco e pouco, dos nítimos o grande numero tenta escapar-se, muitos caem banhados em sangue, desertando inteiramente a policia.

A guarda fiscal, em linha cerrada e carga accelerada, abeira-se do local do combate, facto que acaba de desvairar a guarda republicana e a põe em fuga completa e desordenada.

Enfim, senhores do Museu, os revoltosos procedem entrar dentro d'elle, para o que experimentam os portões, inutilmente, resolvendo arrombar a porta que fica sob a varanda do lado sul e é inclinada pelo relogio, que uma granada vinda do Tejo estilhaçara, para desmoralisar as primeiras patrulhas de vigilia.

Arrombada a porta a machado, os revoltosos entraram no edificio, onde se encontravam apenas o sargento Faria e o servente Almeida, ambos do Arsenal do Exercito, a quem intimaram a entrega das chaves dos depositos de munições e armamento.

Em seguida, para aquelles se dirigiram, apossando-se de armas, vindo-as distribuir aos outros revoltosos, que d'ellas necessitavam. Só depois do movimento triunfar o Museu foi guarnecido por uma força militar.

O quartel dos marinheiros

—Um dos membros do comité, que levava a chave do portão, abriu-o e, depois de entrarem todos os revoltosos, seriam uns 18 homens, fechou novamente o portão e entregou a chave ao revolucionario civil Zeferino da Silva. A sentinela que de nada sabia, levou a arma á cara, para desfechar, logo que viu entrar o grupo civil.

«Os revoltosos, pé ante pé, conseguiram entrar no edificio, onde se levantaram freneticos vivas á Republica, correspondidos pela marinhagem, que prontamente se collocou a seu lado. De repente, ovem-se tiros dentro do edificio, dados por officiaes fieis ao governo Pimenta.

«A confusão foi enorme; mas depressa serenou, porque a coragem dos assaltantes e dos marinheiros era grande.

«O entusiasmo foi louco. Todos trataram de se armar convenientemente e de soltar os presos que lá se encontravam.

«Tiveram de arrombar o paiol da polvora, porque não havia munições. Foi um 2.º cabo de marinha que se prontificou a arrombar o referido paiol.

Depois, a cada um foi destinado o seu serviço, cabendo ao nosso informador o serviço de vedeta n'uma das janelas da secretaria da 1.ª divisão.

Os marinheiros nada ignoravam, antes se encontravam sobre as macas completamente vestidos e alguns d'elles até tendo armas e munições.

O primeiro sargento sr. Manuel Martins, que se encontrava com parte de dente e tratara de aliciar as pragas para o movimento, fôra ali na manhã de 13 para os prevenir da hora a que se iniciaria, e tratar de assuntos que com esse facto se prendiam. N'essa ocasião mandara chamar o ajudante das luzes, a quem disse para, de qualquer maneira, se apoderar da chave do portão do jardim; chave que devia ir buscar pelas 21 horas. Outros afazeres o obrigaram a demorar-se e o ajudante, não o vendo, foi levar a chave ao Directorio do Par-

tido Republicano, entregando-a a um cavalheiro de nome Larcher, que, por sua vez, a fez chegar ás mãos do official sr. Freitas Ribeiro.

Quando se ouviu o sinal o sr. Freitas Ribeiro, que se encontrava proximo do quartel com os grupos civis e com o seu colega sr. Mariano Martins, deu a chave ao sr. Eduardo Carvalho, abrindo este a porta e entrando todos. Os marinhos acorriam pouco depois seguindo-se os episodios já narrados e que, mais uma vez, mostraram quanto esses valentes rapazes são fieis á Republica.

Reportagem semanal

Os acontecimentos

Inserimos no presente numero um largo relato dos principais successos da revolução extraído das narrativas da imprensa diaria.

A importancia do movimento, que marca uma fase decisiva na vida da Republica, merece bem o registo que dela fazemos, prometendo continuar no proximo numero.

Dr. Domingos Pereira

De visita a sua familia chegou no domingo passado a Braga o snr. dr. Domingos Pereira, illustre deputado por Barcellos, e um dos elementos de maior destaque que colaborou, com a Junta Revolucionaria, na preparação do movimento de 14 de maio e na organização do actual governo.

O dedicado republicano foi aguardado em Nine pelo snr. dr. Eduardo Cruz, Governador Civil do districto, dr. Eurico Taxa Ribeiro, presidente da camara, Antonio Albino Marques de Azevedo, commissario de policia; Bento d'Oliveira, tesoureiro da fazenda publica e outros correligionarios de Braga, por algumas pessoas de sua familia e José Monteiro, administrador d'este concelho; dr. Gonçalo d'Araujo, dr. Miguel Fonseca, Adelino Vieira, etc. que o acompanharam no comboio.

Na gare da estação de Braga teve uma recepção imponente pelo numero e qualidade das pessoas.

Subiram ao ar girandolas de foguetes, como já acontecera na estação de Tadin, tocavam duas bandas de musica e faziam-se representar numerosas associações de classe com os seus estandartes.

Depois de rapidos cumprimentos, formou-se um imponente cortejo, que se dirigiu ao teatro de S. Geraldo, entre vibrantes aclamações ao simpatico revolucionario, realisando-se ali uma sessão solene em que tomaram a palavra varios oradores e por fim o homenageado que foi, de novo, delirantemente saudado. S. ex.^a regressou hontem á capital, com o sr. dr. Joaquim de Oliveira, para tomarem parte na sessão d'hoje, do congresso.

Ao intemerato republicano enviamos as nossas saudações mais calorosas

Dr. Augusto Monteiro

Este nosso presado amigo e illustre correligionario tem melhorado progressivamente do impertinente encomodo que ultimamente o atacou.

Fazemos votos pelo rapido restabelecimento de s. ex.^a

As eleições

Vêm no proximo domingo a esta vila em viagem de propaganda eleitoral os illustres deputados snrs. drs. Domingos Pereira e Joaquim d'Oliveira que se propõem a representantes deste circulo no futuro Congresso.

S. ex.^a já de sobejo têm demonstrado de quanto é capaz a sua boa vontade, o seu esforço, e a sua tenacidade ao serviço dos povos que representam, o que tem levado toda a gente de são criterio a consideral-os, juntamente com o snr. dr. Manoel Monteiro, illustre ministro do fomento, como os verdadeiros e unicos procuradores dos interesses do nosso importante districto junto dos poderes superiores da Republica.

Os seus amigos e correligionarios recebem-os com as efusivas demonstrações de consideração e apreço a que têm jus, pelo alto relevo intelectual e moral das suas figuras de patriotas dedicados ao progresso deste paiz e de republicanos devotados até ao sacrificio.

E' provavel que por occasião da sua visita se realise um comicio publico em local que oportunamente será designado.

Torneio

E' no proximo domingo que se realiza, no Stand das Devezas, junto á Fabrica de Serração, o anunciado torneio aos pombos, promovido pela simpatica colectividade «Barcellos Sporting Club». Grande entusiasmo vai entre

os numerosos aficionados já inscritos para disputar os valiosos e artisticos premios, que se encontram já expostos.

Será uma bela tarde que nos vai proporcionar esta florescente colectividade, pois não se poupará a esforços para que as suas festas resultem brilhantes, como todas aquelas que tem realizado

Em breve publicará um programa de festas a realizar em todos os domingos, até 30 de agosto proximo

No dia 7 de junho promove uma excursão ao pitoresco monte da Franqueira, para a qual serão convidados todos os seus associados.

Oxalá que a este passeio, que será bem intimo, não deixem de concorrer as nossas gentilissimas damas.

Para o proximo numero falaremos mais detalhadamente sobre esta tão atraente diversão.

Instrução de gymnastica

No Recolhimento do Menino Deus deu uma serie de lições de gymnastica aos professores deste concelho o snr. tenente Alexandre de Paiva de Faria Leite Brandão, director da Instrução Militar Preparatoria neste districto

Domingos de Figueiredo ADVOGADO

Escritorio: Rua Direita

Pela sociedade

Esteve nesta vila o snr. coronel Antonio Augusto d'Oliveira Guimarães, inspector de infantaria da 8.^a divisão e um dos mais illustros officiaes do nosso exercito.

—Com demora de alguns dias permaneceu entre nós o snr. tenente Alexandre de Paiva de Faria Leite Brandão, director da Instrução Militar Preparatoria.

—Estiveram em Braga os snrs. José Monteiro, digno administrador do concelho, dr. Gonçalo d'Araujo, Manoel da Silva Matos, dr. Miguel Fonseca, dr. Porfírio da Silva, Joaquim Antonio Pereira, Eugenio Roriz Azevedo, Antonio Roriz Azevedo, Alberto Araujo, Antonio Araujo e Avelino Roriz Pereira.

—Foi acompanhar s. ex.^{ma} mãe á mesma cidade o snr. dr. Matos Graça, distincto clinico.

—Vimos entre nós os snrs. Antonio Albino Marques d'Azevedo, illustre commissario de policia e administrador do concelho de Braga e Matos Primo, da mesma cidade.

—Estiveram no Porto o sr. dr. Silva Monteiro e familia, Domingos Ferreira e familia, dr. Antonio Ferraz, Luiz Ferraz, Manoel Augusto de Passos, tenente Francisco Vila-Chã Leite, José Vieira Veloso e Antonio Tomaz d'Araujo.

—Passa encomodado de saude o sr. Antonio José da Fonseca, importante proprietario de Rio Covo, e pae do sr. dr. Teotónio da Fonseca, distincto conservador desta comarca e nosso presado correligionario.

—De visita a sua irmã e cunhada a ex.^{ma} sr.^a D. Virginia Adelaide Carneiro do Lago Forte, durante alguns dias, estiveram nesta vila, partindo no dia 22 para o Porto, o sr. José Augusto do Couto de Mena Falcão Carneiro, distincto escritor archeologico e geneologico, e sua esposa a ex.^{ma} sr.^a D. Beatriz da Conceição Marques Carneiro.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias 2.^a publicação

Pelo juizo de direito da comarca de Barcellos e cartorio do escrivão do quarto officio Monteiro, correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio a citar Augusto

Rodrigues Ventena, auzente em parte incerta, na America do Norte, casado com a interessada Rosa d'Araujo, para assistir a todos os termos até final do inventario orfanologico a que se procede por obito de seu sogro Antonio Simão d'Araujo, viuvo, que foi da freguezia d'Oliveira, d'esta comarca e em que é inventariante o filho José Joaquim d'Araujo, casado, da mesma freguezia, sem prejuizo do seu regular andamento.

Barcellos, 1 de maio de 1915.

Verifiquei

O juiz de direito,

Monteiro

O escrivão

José Casimiro Alves Monteiro

ACABA DE APARECER

O sonho das crianças

POR

Maria Pinto Figueirinhas

E' um livrinho de contos, com uma linda capa e muitas gravuras. Eis o titulo dos 7 contos: «O talisman precioso», «O anel da Rainha», «O tear de ouro», «O castelo maravilhoso», «A Zaidinha», «A visão de um anjo», «O tocador de violino.»

Preço 10 centavos

PEDIDOS:—Companhia Portuguesa Editora, 119, R. do Almada ou Largo dos Loios, 14—Porto.

Adubos Agricolas

PARA TODA A ESPECIE DE CULTURAS

Joaquim Mattos & Comp.^a

Campo da Republica — BARCELLOS

A casa mais antiga, de mais vendagem e de maior nomeada no norte do paiz e que melhor tem correspondido, com orgulho o dizemos, ao favor do publico com adubos ricos em elementos nobres relativamente ao seu custo, fornecendo adubos bem equilibrados para os terrenos d'esta região de forma a haver exemplos de produções de trigo até 19 sementes, de centeio até 13 e de batata até 20 sementes.

E—o que é mais que tudo—há exemplos de com os nossos adubos sem mesmo auxilio dos de curral, obter 6 culturas de batata na mesma terra em annos seguidos e 7 culturas de trigo segnidadas de restêva, tambem seguidamente, com melhoria de terreno como attestam as produções.

—E' que as boas e apropriadas adubações não só dão aquelles resultados como predispõe os terrenos para melhorar e augmentar futuras colheitas.

Aos adubos, pois, da casa JOAQUIM MATTOS & COMP.^a, que analisa constantemente os adubos elementares que lhe são fornecidos PARA SE GARANTIR E GARANTIR O PUBLICO EM GERAL a quem pode dar provas do que affirma.

Prestam-se os esclarecimentos necessarios como sempre se tem feito e espalhado em milhares de prospectos fazendo o gosto de visita aos predios quando se julgue conveniente.

Exigir nos saccos o sello da nossa firma fechando uma etiqueta onde o consumidor verá a natureza qualidade, riqueza e custo do adubo.



NOVIDADE SENSACIONAL

Rodolpho Martin

A CUERRA AEREA De Berlin a Bagdad

Tradução do capitão Moraes Rosa

1 volume de cerca de 250 paginas com uma capa allegorica cores, preço \$30.

PROVINCIA FRANCO DE PORTE

A' venda na «A EDITORA»—Largo do Conde Barão 50, Lisboa e em todas as livrarias.

PORTUGAL

IMPORTANTE COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonima de responsabilidade limitada.—Capital Esc. 1.600:000\$.

Agente em Barcelos:

José Vieira Veloso

NOVO DICCIONARIO

DA

LINGUA PORTUGUESA

Redigido em harmonia com os modernos principios da sciencia da linguagem, e em que se contém quasi o dobro dos vocábulo até agora registados em todos os dictionarios portuguezes, além de satisfazer a todas as grafiás legitimas, especialmente a que tem sido mais usual e aquella que foi prescripta oficialmente em 1911.

NOVA EDIÇÃO

Essencialmente refundida, corrigida e ampliada com registro de mais 20:000 vocábulo aproximadamente

A 2.ª edição do «NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA» consta de 2 grossos volumes de cerca de 1:000 paginas cada um

A' venda em todas as livrarias e na

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

de **A. M. Teixeira & Comandita**

Praça dos Restauradores, 20 — LISBOA

AS MULHERES DE BRONZE

Por Xavier de Montepin

Em publicação esta magnifica obra, composta de 2 pequenos volumes.

Concluida a sua publicação será distribuido um brinde a todos os assignantes, que constará de uma grande estampa colorida representando o Palacio de Crystal do Porto.

Assigna-se na casa editora Befem & C.ª Succesores—Rua do Marechal Saldanha, 16—Lisboa.

ESTÁ Á VENDA

Vinhos vinhas e prados

POR

A. Venancio Pacheco

Preço. 600 reis.

NOVIDADE LITERARIA

NUN'ALVARES

e o sr. Dantas

Jansura d'um «Cardenal diabo»

Resposta historica ás accusações feitas pelo sr. Julio Dantas ao Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, por AUGUSTO FORJAZ.

Um volume, illustrado, \$20. Em todas as livrarias. Pedidos á Livraria Ferin, 70 Rua Nova do Almada, 71—Lisboa.

ACABA DE APARECER

A' RODA DE PORTUGAL

por José Agostinho

1 vol. de 470 paginas. Preço br. 50 centavos, enc. 70.

«A Roda de Portugal» constará de 2 vol. de 470 paginas cada um. Está publicado o 1.º volume que é uma obra encantadora. «O Primeiro de Janeiro», disse o seguinte:

«A Roda de Portugal» é um livro para artistas e um livro para patriotas, um livro para eruditos e um livro para o povo. A linda terra portugueza, com os seus monumentos e com as suas paisagens, com os seus heroes e com as suas glorias, respandece em cada pagina com um fulgor desusado entre nós, numa homenagem sobriamente romantizada, em que as personagens, fantasiadas dentro da maior verdade, vão derramando não só noções limpidas e rápidas sobre sciencias naturaes e principalmente sobre os melhores inventos modernos, como sobre higiene, educação civica, moral, etc.

Ao mesmo tempo, o leitor é empolgado, a cada passo, por brilhantes e enternecidas descrições, e por um estilo, em geral cristalino e simples, embora também frequentemente colorido com um vigor de inolvidavel originalidade.

O seu autor pensou-o e sentiu-o de toda a sua alma, como patriota e como artista, conseguindo oferecer nele talvez a sua verdadeira obra prima, e valorizado, como nenhuma, pela mais elevada devoção ao tradicionalismo nacional.»

O LIVRE PENSAMENTO

A. E. de Victoria Pereira

JULGAR DEUS

TRABALHO ALTA — RANSCENDENCIA FILOSOFICA

A verdade, a razão e a sciencia esmagando os preconceitos biblicos e os dogmas absurdos das religiões que tem dominado o mundo e entravado o progresso.

A luz illuminando uma era nova, libertando o espirito da mulher e da criança da tutela nefasta dos jesuitas e das congregações religiosas.

Titulos dos capitulos: — Divagando—Onde principia e onde acaba Deus—A preocupação da humanidade—A Biblia, a Historia e a Filosofia—A terra segundo os sabios—Os crimes do Deus Biblico—O diluvio dos hebreus—A Biblia é o livro mais imoral que ha—Julgamento do Deus da Guerra—Eureka!—Jerichó—O Egito historico até ao exodo do povo de Moysés—Filosofando—Filosofando e continuando—Deuses e religiões—Autos de fé, tormentos, morticínios e assassínios em nome do Deus cristão—A separação da igreja do Estado.

O livro é dedicado ao eminente homem d'Estado o illustre cidadão Dr. Afonso Costa, e é uma homenagem ao grande propagandista republicano Dr. Magalhães Lima, Grão-Mestre da Maçonaria Portugueza, a Maçonaria mundial e aos livres pensadores.

Um volume em 8.º brochado e com os retratos dos personagens a quem é dedicado!!

Preço: \$20, custo da edição. — A' venda em todas as livrarias.—Pedidos de assinaturas, revenda, ou grandes encomendas a Luiz Pereira—Jogo da Bola—Obtidos.

A AGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIENCIA FILOSOFIA E CRITICA SOCIAL

Director literario, Dr. Teixeira de Pascoais.—Director artistico, Antonio Carneiro.—Director scientifico, Dr. José de Magalhães.—Secretario da redacção, editor e administrador, Alvaro Pinto.

Correspondentes:—Paris, Philéas Lebesgue.—Salamanca, Miguel de Unamuno.

Propriedade de «A Renascença Portuguesa»

PREÇOS (Pagamento adiantado) Portugal, avulso \$10 Semestre, \$50. Ano: 1\$00.—Africa e India, \$12; \$30 e 1\$20.—Espanha, 60 ct.; 3 pesetas e 6 pesetas. — Estrangeiro, 60 ct.; 3 francos e 6 francos.—Brasil, \$50, \$600 e \$600 (fracos).

PREÇO dos anuncios (por publicação) 1 pagina, na capa 4\$00. Além do texto, 3000.—1/2 pagina, 2\$20 e 1\$60. — 1/4 a pagina, 1\$2 e \$90

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importancia. A cobrança é á custa do assinante.

DEPOSITARIOS—No Porto—Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas; Em Coimbra, F. França & Armenio Amado; Em Lisboa, Livraria Ferreira, Rua Aurea.

A venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Bahia e Santos; na Africa, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques; na India, em Nova Góa.

Redacção e administração—R. da Alegria, 218, Porto.

Tipografia—Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Porto

Toda a colaboração é solicitada. Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario da redacção

TYPOGRAPHIA E ENCADERNAÇÃO

DE

FERNANDO MARINHO

Premiado com medalha de prata na Exposição Agricola e Industrial de Barcellos de 1903

RUA DO INFANTE D. HENRIQUE, 61 A 65 — BARCELLOS

Imprem-se, com a maxima perfeição e rapidez, cartões de visita a 200, 240, 300, 360 e 400 reis o cento, bem como: rotulos a cores, circulares, facturas, envelopes, prospectos de varios formatos e gostos, programmas para festividades, jornaes, etc. Para cartões de visita manda-se mostruario de tipos a casa do freguez.

Encaderna-se, com solidez e por preços baratissimos, toda a qualidade de livros desde a encadernação mais simples á mais luxuosa, não havendo n'esta villa competidor n'estes trabalhos. Livros de notas para tabelliães, em branco para commercio, confrarias e juntas de paróchia, pastas, carteiras, etc., etc.